

ESPAÇOS VERDES PRECISAM DE MUITO MAIS ATENÇÃO DA CML

GUIA / CHECK LIST PARA 2 ANOS DE MANDATO

6 RECLAMAÇÕES, 5 SUGESTÕES E 1 MEMENTO

AO PRESIDENTE DA CML E A JOSÉ SÁ FERNANDES

Autoria:

Paulo Ferrero
Carlos Brandão
Fernando Jorge
Hugo Daniel de Oliveira
João Pinto Soares
José Carlos Mendes
Luís-Pedro Correia
Maria Amorim Morais
Pedro Homem de Gouveia
Virgílio Marques

Porque Lisboa tem um novo executivo, e porque o estado lastimável dos jardins, logradouros, parques e espaços verdes de Lisboa não se compadece com «estados de graça», está na hora de reclamarmos junto do novo Presidente da CML e junto do novo Vereador dos Espaços Verdes, o seguinte (a curto-prazo):

DENUNCIE-SE os contratos/protocolos da CML:

- com a empresa de jardinagem responsável pela manutenção dos espaços verdes da Avenida da Liberdade! Trata-se de um contrato exorbitante, sem resultados práticos à vista: as flores estão murchas, há caldeiras sem árvores e cotos a mais nos passeios;
- com o promotor do Rock-in-Rio, por incumprimento do mesmo! A quase totalidade das cláusulas está por cumprir (centros sociais, substituição da vedação, vigilância, reposição do coberto vegetal na zona do palco);
- o Clube de Tiro de Monsanto! O contrato não foi renovado, expiraram todos os prazos e as alternativas apresentadas pelo clube continuam nefastas para Monsanto.

DIVULGUE-SE junto dos lisboetas os termos dos contratos de concessão de manutenção de jardins e espaços verdes de Lisboa, pela CML/Juntas a empresas privadas (ex. Plantagri, na Freguesia de São João de Deus).

É notório o péssimo estado da generalidade dos espaços verdes de Lisboa, pelo que já é tempo de se rever a situação. É urgente fazer-se um balanço sobre a experiência da delegação de competências da CML na área dos jardins e espaços verdes, e é urgente fazê-lo antes de se alargar essa delegação a mais freguesias (ex.tem que se corrigir os desvios de verbas do orçamento municipal feitos pelas Juntas para outras actividades que não a recuperação de espaços verdes).

Dê-se início a uma AUDITORIA INTERNA às razões porque:

- nem sempre é ouvida uma entidade externa competente (ex. Laboratório de Patologia Vegetal da Ajuda) nos casos de abate de árvores na via pública e jardins de Lisboa, independentemente da dimensão da empreitada;
- as podas são geralmente mal feitas e com efeitos graves nas árvores, quando não são feitas de forma indiscriminada em árvores sem problemas fitossanitários;
- os cotos das árvores cortadas se mantêm meses/anos a fio sem serem removidos (quem fornece as máquinas de arranque de cotos? quantas há? quais os termos do contrato? como funciona a relação hortos-CML?);

- falha a CML na rega das árvores jovens? Morrem demasiadas jovens árvores simplesmente porque não existe um plano eficaz de rega nos anos seguintes à sua plantação; é um desperdício de dinheiros públicos.

Haja PRO-ACTIVIDADE da CML junto do Governo:

- em defesa das tapadas das Necessidades e da Ajuda, as quais, sendo tuteladas pelo Governo, são, em primeiro lugar, de Lisboa. Ambas estão semi-abandonadas e ambas são vítimas dos mais variados atentados. É preciso fazer lóbi pelos lisboetas;

- em relação ao futuro da colina do Convento e Quartel da Graça, zona potencialmente apetecível pela especulação imobiliária e pela construção desenfreada, e que poderia ser do usufruto de todos. É preciso arborizar mais a abandonada encosta poente da colina, de modo a transformar a antiga cerca do convento num espaço verde público, que tanta falta faz às populações da zona, definindo percursos, arranjando um guarda ou dois (ex. militares inactivos que ocupam aquele quartel) e abri-lo ao público. É preciso fazer lóbi pelos lisboetas!

INTERVENHA-SE, quanto antes:

- nos jardins históricos de Lisboa, espaços verdes de referência para os lisboetas e visitantes mas quase todos a necessitar de obras de restauro (não remodelação!) urgentes (obras que vêm sendo sucessivamente adiadas, apesar de ciclicamente prometidas) e variadíssimos problemas decorrentes da falta de limpeza e da insegurança.

Destacamos, pelo avançado estado de degradação (começando por um maior e eficaz controlo dos pombos, por ex. como se faz em Florença) e ruína: Jardim das Francesinhas (a São Bento), Campo Grande (cujas obras de fundo têm sido anunciadas vezes sem conta ao longo de décadas), Praça José Fontana; Campo Mártires da Pátria, Jardim Constantino, Jardim Cesário Verde (Estefânia), Paiva Couceiro, miradouros de Santa Luzia (neste momento na mais absoluta desgraça – lago, azulejos, canteiros ... a grua saiu mas ficou a base de cimento, defronte à Igreja de Santa Luzia!!) e Monte Agudo (com painel de azulejos e caramanchão estropiados – uma solução poderia ser consigná-lo ao Liceu D.Luís de Gusmão, por ex.), Parque Silva Porto (para quando a recuperação dos equipamentos?), o mau estado dos relvados de Olivais e, é bom não esquecer, os espaços verdes da zona nobre da frente ribeirinha, percorridos anualmente por milhares e milhares de turistas: Campo das Cebolas, espaço ribeirinho defronte à Armada e Cais do Sodré, bem como o Parque Eduardo VII (é preciso dinamizar este belíssimo espaço, através da melhoria da segurança (ex. iluminação ao nível do solo), avançar desde já com o caderno de encargos para o Pavilhão Carlos Lopes, organização de ateliers ao ar livre, etc.);

- nos logradouros de Lisboa, promovendo um debate alargado com a população, através da organização de sessões de esclarecimento (com as Juntas de Freguesia, ONG, etc.), e a

organização de acções piloto de recuperação e reaproveitamento de logradouros, um pouco por toda a cidade, mas especialmente na zona das Avenidas Novas e Alvalade onde se tem assistido a ilegalidades várias por detrás das fachadas dos prédios (construção de estacionamento, anexos, impermeabilização dos solos, etc.) ... muitas vezes aprovadas pela própria CML Lisboa está a perder de ano para ano, e a uma velocidade acelerada, imensas árvores, jardins, quintais. As consequências negativas para o ambiente de Lisboa são fáceis de imaginar. A CML tem de intervir, começar a controlar a anarquia total que reina nos logradouros.

- na Quinta de Nossa Senhora da Paz, no Lumiar, recentemente salva da famigerada lista de património a colocar à venda pela CML. Depois das inúmeras promessas, protestos e petições, é tempo de se encontrar, de uma vez por todas, uma solução definitiva para a utilização, recuperação e viabilização daquele magnífico espaço, propriedade de todos os lisboetas. Uma solução que corresponda às necessidades da população local (escola? creche? pólo cultural? ...). Uma solução que preconize uma recuperação fidedigna do património edificado, azulejaria incluída, e um aproveitamento condigno do imenso espaço verde.

Reavalie-se os PLANOS DE PORMENOR de:

- Palácio da Ajuda e Palacete Ribeiro da Cunha, corrigindo-os nos pontos que põem em causa seriamente a mancha verde da cidade de Lisboa, designadamente a Via da Meia-Encosta e a Alameda dos Pinheiros, o primeiro, e o valiosíssimo jardim do segundo (enquanto peça fundamental do corredor verde da Avenida, que os próprios serviços da CML reconheceram, em relatório oficial, ser rico em espécies, e que devia estar articulado com o J.Botânico e Parque Mayer, de modo a facilitar o atravessamento pedonal até à Avenida);

- Bairros da Liberdade e da Serafina, pois estamos perante o maior ataque jamais perpetrado contra Monsanto - como se pode falar de corredor verde, de ligação da cidade ao parque florestal de Monsanto e, ao mesmo tempo, a CML preparar uma enorme operação de urbanização numa das encostas de Monsanto? E o Aqueduto? É um perfeito absurdo demolir-se aquele caos ilegal para, logo a seguir, se construir prédios!

Por outro lado, achamos que está na hora da CML:

CRIAR UM NOVO ESPAÇO VERDE EM LISBOA em zona habitacional (por acaso à beira de ser vítima da especulação). Propomos a criação do “Jardim da Penha de França”, com base em ideia defendida pelos moradores (ver em <http://cidadania.lx.blogspot.com/2007/07/salvaguada-da-encosta-da-penha-de.html>), e já galardoada com o Prémio Jovem Arquitecto Paisagista;

ABRIR A UM GRUPO DE CIDADÃOS (moradores ou não) a possibilidade de, à semelhança do que se faz um pouco por toda a Europa civilizada, serem eles próprios a

cuidar de um espaço verde de Lisboa, por exemplo, os logradouros do Bairro de Alvalade (zona entre Av.Igreja e Liceu Rainha D.Leonor), que se encontram ao abandono, com construções clandestinas, etc. Não se trata de repetir outras intervenções avulsas já feitas no mesmo bairro, mas antes uma intervenção concertada com a CML e outras entidades como ONG;

APOIAR A CRIAÇÃO DE HORTAS URBANAS. Não se trata de um capricho: veja-se o sucesso do projecto “Horta à Porta”, que o Serviço Intermunicipalizado de Tratamento de Lixos da Região Porto (Lipor) iniciou em 2003 e através do qual várias câmaras do Grande Porto têm oferecido a quem o desejar talhões de terra para a prática de agricultura biológica e compostagem. Actualmente o projecto tem um milhar de interessados em lista de espera, com as mais variadas idades e percursos profissionais;

CRIAR um plano consistente de NOVAS PLANTAÇÕES: árvores de alinhamento e arborização de ruas que não têm uma única árvore (ex. Morais Soares e transversais, Av. Afonso III e transversais, Av. José Malhoa e transversais, Av. Lusíada, Av. Estados Unidos da América (passeios junto a viaduto com Av.Roma, e prolongamento até Bela Vista), Eixo Norte-Sul, Segunda Circular). Em sintonia com a criação de um Regulamento do Espaço Público! Não basta plantar simbolicamente uma árvore no Dia Mundial que lhe é dedicado. Londres, por exemplo, tem em curso uma campanha tendente a ter um milhão de novas árvores plantadas na cidade até 2010. Esta devia ser uma das prioridades do novo executivo!

CRIAR uma COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO (aberta à participação dos cidadãos) do estado de coisas relativo à Quinta das Conchas e à Quinta dos Lilases, uma vez que já se fazem sentir algumas ameaças às mesmas, por via da construção de urbanizações nas suas imediações, o que já coloca em risco o bom estado fitossanitário de diverso arvoredo; e ao Parque Periférico, nomeadamente no que se refere ao troço Carnide/Carriche e ao troço Carriche/Alta de Lisboa, face à possibilidade de novas urbanizações e vias de atravessamento.

Por último, apresentamos o nosso MEMENTO ao Vereador dos Espaços Verdes, para que se recorde, no acto da «inauguração» do Jardim do Campo Pequeno (por sinal, um jardim do séc.XIX transformado em «jardim *playstation*», com iluminação do séc.XXI!, bancos colados uns aos outros!; e onde param as árvores que era suposto serem plantadas dentro dos canteiros?) do seguinte:

Coisas como as que se verificaram neste ano no Campo Pequeno, com o abate de mais de 150 plátanos de grande porte, sem apelo nem agravo, só porque alguém assim o decidiu com base em argumentos altamente discutíveis, contrariando a vontade das mais variadas ONG, de especialistas a simples cidadãos; e com a recusa sistemática por parte dos serviços da CML em fornecer os dados solicitados do processo respectivo, não podem voltar a acontecer!

Esperamos contar em breve com mais e melhores jardins em Lisboa!